



*ARQUEOLOGIAS
E SEUS CONTEXTOS*



www.cta.ipt.pt

N. 12 // julho 2020 // Instituto Politécnico de Tomar

PROPRIETÁRIO

Instituto Politécnico de Tomar - Centro das Arqueologias

EDITORA

Ana Pinto da Cruz, Instituto Politécnico de Tomar

EDIÇÃO E SEDE DE REDACÇÃO

Centro das Arqueologias, Instituto Politécnico de Tomar

DIVULGAÇÃO

Em Linha

DIRECTORES-ADJUNTOS

Helena Moura, Rodrigo Banha da Silva, Vasco Gil Mantas, Thierry Aubry

CONSELHO CIENTÍFICO

Ana M. S. Bettencourt, Professora Auxiliar com Agregação, Departamento de História, Universidade do Minho

Professora Catedrática Doutora Primitiva Bueno Ramírez, Universidad de Alcalá de Henares

Professor Catedrático Doutor Rodrigo Balbín Behrmann, Universidad de Alcalá de Henares

Doutor Rossano Lopes Bastos, Arqueólogo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Superintendência Estadual em Santa Catarina/Brasil (IPHAN/SC)

Doutor e Livre Docente pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade De São Paulo, (MAE/USP)

Doutor Thomas W. Wyrwoll, Forschungsstelle für Archäoikonologische Theriologie und Allgemeine Felsbildkunde (FATAF) / Institut für Theriologie und Anthropologie

DESIGN GRÁFICO

Gabinete de Comunicação e Imagem, Instituto Politécnico de Tomar

PERIODICIDADE

Semestral

ISSN 2183- 1386

LATINDEX folio nº 23611

ANOTADA DA ERC | REGISTADA NA INPI

© Os textos são da inteira responsabilidade dos autores.

Índice

EDITORIAL	
Ana Cruz	05
O CONTRIBUTO DA SEMIÓTICA PARA O ESTUDO DA ARQUEOLOGIA FUNERÁRIA – ALGUMAS NOTAS ACERCA DOS RITUAIS FUNERÁRIOS NO BRONZE REGIONAL ALENTEJANO	
Ana Rosa	15
ARQUEOLOGIA NO ENGENHO DO MURUTUCU: UM SÍTIO HISTÓRICO NA AMAZÔNIA BRASILEIRA	
Diogo Menezes Costa	30
LE SAVOIR LOCAL AMAZIGH: LA TRANSMISSION À L'ÉPREUVE	
Fatima Ez-zahra Benkhallouq, Wahiba Moubchir, Farid El Wahidi	59
INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO PORTO DO TOPO. CONTRIBUTO PARA O PATRIMÓNIO CULTURAL SUBAQUÁTICO DA ILHA DE SÃO JORGE	
João Gonçalves Araújo, João Moniz, José Luís Neto, Pedro Parreira	81
LA ESTACIÓN RUPESTRE DE HUAYLLANQORI, PROVINCIA DE ANTABAMBA (APURÍMAC, PERÚ)	
Raúl Carreño-Collatupa	118
GRAVURA RUPESTRE DO CORUTO (ESCARIZ, AROUCA): ESTUDO, SALVAGUARDA E VALORIZAÇÃO	
Paulo A. Pinho Lemos, Ana M. S. Bettencourt, João Ralha	139
A PAISAGEM DE LONGA DURAÇÃO DO ALTO VALE DO JEQUITINHONHA – OS VESTÍGIOS DE OCUPAÇÃO HUMANA DO HOLOCENO MÉDIO NA SERRA DO ESPINHAÇO MERIDIONAL, MINAS GERAIS – BRASIL	
Átila Perillo Filho	173
ASPECTOS DA COLONIZAÇÃO PRÉ-HISTÓRICA DO LITORAL SUL DO BRASIL E SUA PATRIMONIALIZAÇÃO: OS VESTÍGIOS DA OFICINA LÍTICA NO SÍTIO ARQUEOLÓGICO DA PONTA DO RETIRO, FLORIANÓPOLIS, SANTA CATARINA	
Márcio Mota Pereira	222
TESTEMUNHOS RECENTES DE TEÓNIMOS PRÉ-ROMANOS NA LUSITÂNIA	
José d'Encarnação	249

ANÁLISE ANTROPOLÓGICA DO ESPÓLIO OSTEOLÓGICO PROVENIENTE DAS INTERVENÇÕES ARQUEOLÓGICAS REALIZADAS NO PÁTIO SUL DA IGREJA NOSSA SENHORA DO PÓPULO, CALDAS DA RAINHA (LEIRIA)

Daniel Alves, Augusto Ferreira, Cláudio Monteiro, Alexandra Figueiredo, Ricardo Lopes 274

CASA DO CORPO SANTO – 1531 A 1714. ARQUEOLOGIA, CONSERVAÇÃO E MUSEALIZAÇÃO

Luís Neto, Patrícia Trindade Coelho 298

UNIDADES DOMÉSTICAS DO SÉCULO XIX DO BAIRRO DA BOA VISTA DO RECIFE: UM ESTUDO DO PERFIL TÉCNICO E DAS CARACTERÍSTICAS ESTILÍSTICO-ARQUITETÔNICAS

Clara Diana Figueirôa Santos, Henry Sócrates Lavalle Sullasi 327

**O CONTRIBUTO DA SEMIÓTICA PARA O ESTUDO DA ARQUEOLOGIA
FUNERÁRIA – ALGUMAS NOTAS ACERCA DOS RITUAIS FUNERÁRIOS
NO BRONZE REGIONAL ALENTEJANO**

**THE CONTRIBUTION OF SEMIOTICS TO THE STUDY OF FUNERARY
ARCHEOLOGY - SOME NOTES ON FUNERARY RITUALS IN THE
REGIONAL ALENTEJO BRONZE AGE**

Recebido a 26 de janeiro de 2020

Revisto a 28 de abril de 2020

Aceite a 20 de maio de 2020

Ana Rosa

Arqueóloga

ana_vs_cristina@hotmail.com

Resumo

A corrente pós-processualista marcou indelevelmente a interpretação dos vestígios arqueológicos, ao procurar ler o registo arqueológico para além da evidência material. A

ligação com a antropologia produziu as principais linhas orientadoras do seu pensamento, destacando-se a semiótica como um dos principais campos de estudo, ao garantir a aplicação da significação dos signos aos objectos, com base no estudo do intercâmbio de ideias pela actuação do Homem na sua esfera social.

O presente trabalho tem como objectivo aplicar os conceitos de semiótica na arqueologia funerária, com particular foco na ritualização da morte na Idade do Bronze do Sudoeste português. A partir de uma exposição do tema em forma de recensão, significado e símbolo funcionarão como os principais métodos de análise para compreender a cultura de um grupo.

Palavras-chave: Semiótica; Arqueologia funerária; Idade do Bronze; Sul de Portugal

Abstract

The post-processualist trend marked the indelible interpretation of the archaeological remains, as they sought to read the archaeological record beyond material evidence. The connection with anthropology produced the main guidelines of his thought, highlighting the semiotics as one of the main fields of study, in ensuring the application of the meaning of signs to objects, based on the study of the exchange of ideas by the action of

Man in their social sphere.

The present work aims to apply the concepts of semiotics in funerary archeology, with particular focus on the ritualization of death in the Bronze Age of the Portuguese

Southwest. From an exposition of the theme in the form of a review, meaning and symbol will function as the main methods of analysis to understand the culture of a group.

Keywords: Semiotics; Funerary archeology; Bronze Age; South of Portugal.

“(...) um indivíduo não precisa de ter qualquer relação genética com outro para herdar ideias e padrões de comportamento (...)”
(Jordan, 2001, p. 69)

1. Nota Introdutória

O indivíduo é responsável pela organização de um conjunto de comportamentos enquanto parte integrante de uma sociedade. Os gestos, então gerados socialmente, são aprendidos e transmitidos entre grupos e as manifestações culturais servem como complemento ao fortalecimento das relações sociais, essencial para a estruturação da organização social.

Integrado no seu meio ambiente, o Homem é influenciado pelos elementos presentes na natureza. Um conjunto de formas dominam por completo o redor (os astros, as flores, os frutos), constituindo-se como o ponto de partida para a construção do pensamento simbólico. Neste sentido, considerando que a causa do conhecimento é a apreensão directa da própria realidade, elemento e espaço constituem-se como funções semióticas de uma cultura (Doria, 2017).

Através da linguagem, da arte, da matéria, são exteriorizadas ideias, deixando clara a noção de elemento, pois passam a ser concretas, as formas abstractas que

marcam o imaginário do indivíduo. A construção de um objecto, independentemente da função a que está destinado, é portador de significado, pois “entendemos por representação de uma ideia tudo aquilo que está associado ao que concebemos como mundo ou como uma coisa” (Silva & Silveira, 2015, p. 446).

2. Símbolo e Cultura: uma perspectiva sobre os rituais funerários

A percepção de perda do Outro foi talvez uma das mais significativas metas alcançadas pelo Homem, no sentido de compreender a sua condição no mundo, constituindo a “ritualização da morte, marco distintivo relativo aos demais primatas e que tem implícita, a consciência do eu” (Cunha, 2010, p. 97). A organização do espaço funerário é, assim, a representação última dos gestos e das atitudes face ao efémero, é a manifestação cultural, social e mental de um grupo perante o fim da vida e a forma como se dá ao sujeito, o repouso eterno.

O facto de a morte se constituir como uma etapa próxima, ao ritual funerário é atribuído significado, desde a posição do cadáver à organização do próprio espaço. O papel socialmente activo que o indivíduo desempenha no seio do seu grupo demonstra, sob uma perspectiva conceptual, o modo como vê e entende o mundo. O acto intencional de construir uma sepultura torna a cerimónia fúnebre um momento único e torna os “lugares investidos de sentido” (Augé, 1992, p. 47).

O uso consciente e intencional de símbolos torna-se imprescindível para a construção de uma conduta simbólica complexa, abrindo, assim, caminho para a hierarquização através da manifestação de elementos distintivos. Com efeito, uma

sociedade pode apresentar distintas formas de enterramento, constituindo, as diferentes estratégias adoptadas, o meio pelo qual se atribui diferenciação social. O tipo de estrutura utilizada para um determinado sepultamento só é passível de ser explicada através de um conjunto de variáveis que estrutura um grupo (crenças e cultura, entre outros), e, pelo estatuto do indivíduo na hierarquia social.

Nos últimos anos, os trabalhos arqueológicos preventivos decorrentes do projecto de rega, executada pela EDIA, S.A, permitiram a identificação de um conjunto de novos sítios no território alentejano, entre outros, enquadrados nos processos funerários da Idade do Bronze do Sul de Portugal.

No subterfúgio da paisagem alentejana, permanecia uma diversidade de soluções, mantendo omissos rituais e significados que nos importa compreender. A mente humana é vasta, “o Homem age com propósitos e motivos” (*apud*, Alarcão, 1997, p. 19), por isso, a construção do Passado está para além dos objectos e das estruturas, está presente nas ideias e nas crenças reproduzidas em cada acção.

Os ritos funerários na Idade do Bronze reflectem uma profunda cisão com os momentos antecedentes, marcados pelos grandes recintos megalíticos. Ainda que ao nosso alcance apenas encontremos um campo de questões sem respostas, reconhecemos que “a prática social adquire forma e sentido, admitindo-se todo um espaço de arbítrio, criatividade, improvisação e transformação” (Rocha & Eckert, 1998, p. 8). Interpretamos um elemento pelo uso e forma, embora, não sejam as mesmas estruturas estáticas.

Conicionados por factores ambientais, espaciais e temporais, podem ser moldados consoante as necessidades de um grupo.

A nova ordem social, imposta durante a fase compreendida pela Idade do Bronze, trouxe, portanto, uma nova perspectiva de encarar a morte, revelada através de diferentes formas de sepultamento. As arquitecturas em fossa, assim como, os hipogeus assumem particular relevância neste contexto, respondendo ao propósito de “ocultar o apodrecimento e a transformação a que o corpo morto está sujeito” (*apud*, Cruz, 2011, p. 54). Mas a desigualdade social existe e está presente e a construção de *tumulus*, por outro lado, está vinculada a um restrito número de indivíduos. Consta-se inclusivamente que “por vezes, as cistas partilham aparentemente o espaço com outras formas funerárias - enterramentos em fossas tipo "silo" (Mataloto, Martins & Soares, 2013, p. 310), perpetuando, depois da vida, a distinção do indivíduo no seio do seu grupo.

A presença ou ausência de espólio votivo reflecte igualmente essa dicotomia. A integração dos objectos na esfera funerária assinala a representação simbólica das relações sociais existentes, reforçada pela quantidade e qualidade dos artefactos depositados junto ao morto. O objecto perde o seu carácter utilitário para ocupar um lugar que não pode ser pensado “fora da possibilidade da sua conexão com os estados de coisas” (Crespo, 2011, p. 107), ou seja, é criada uma relação de dependência entre o objecto e o espaço que não pode ser interpretada de forma indissociável.

O discurso arqueológico pós-moderno exige o auxílio dos vários ramos das ciências sociais e humanas na leitura dos dados. Em certa medida, influenciados pela Escola Pós-processualista, aceitamos que a interpretação do registo não pode ser linear, da mesma forma que “perceber os grupos humanos do passado e os vestígios materiais da sua presença só será possível se aceitarmos como premissa apriorística, o papel

determinante de uma (in)antígvel e profunda estrutura de pensamento simbólico que organiza e produz cultura” (Diniz, 1995, p. 12).

A aplicação da semiótica à cultura material destas comunidades abre a possibilidade de ver o objecto numa dimensão mais ampla que ultrapassa o seu mero uso funcional. A vida social só é possível se se traduzir num intercâmbio de signos, portanto, o Homem como ser social é detentor de ideias e significados simbólicos que transmite através dos elementos materiais. Quanto mais complexa uma sociedade, maior a transmissão de significado aos símbolos.

No gesto ritual, ao próprio indivíduo é atribuído significado. De um modo geral, as sepulturas tornam-se espaços mais reduzidos e individuais e o cadáver é depositado em “posição fetal, com os joelhos junto à boca” (Matoso, 1993, p. 112). Está subjacente uma intenção simbólica associada ao renascimento do indivíduo, numa lógica de o fazer retornar às origens.

No sítio Monte da Misericórdia 1 (Santa Clara do Louredo, Beja) – Rosa, 2014 - foi identificado, numa área de dispersão de vestígios de época romana, um enterramento em fossa (Figura 1), enquadrado em cronologias mais recuadas. Esta estrutura caracterizava-se pela planta circular, de paredes convexas e fundo tendencialmente plano. Na base, o indivíduo foi depositado em covacho, sugerindo que a fossa foi aberta propositadamente para o efeito. O indivíduo, não adulto e depositado em posição fetal (Fernandes, 2014), foi coberto por lajes de xisto de média e grande dimensão, ligadas por uma matéria gordurosa, as quais, sob um depósito pétreo.

A posição do indivíduo, o tipo de túmulo e a sua disposição no território constituem um conjunto de “comunicações não verbais que estruturam a organização

social e conferem coerência aos grupos de indivíduos” (Fidalgo & Gradim, 2004-05, p. 131). Com base nestes factores e em comparação com outros sítios, consideramos que o enterramento identificado no Monte da Misericórdia 1 se enquadra nas práticas funerárias conhecidas para a Idade do Bronze do Sul peninsular. Apesar da ausência de espólio, estão presentes as características, por si só, quase diferenciadoras destes grupos.



Figura 1. Enterramento em fossa identificado no Monte da Misericórdia 1. Fonte: Ana Rosa

A comensalidade, também documentada para este período, representa uma profunda ligação entre os membros de um grupo a partir de uma prática social básica. A alimentação apresenta-se “tanto uma função biológica vital quanto uma função social essencial: a função biológica se estende do biológico ao cultural, da função nutritiva à simbólica” (Diefenthaler, 2013, p. 110).

Na intervenção realizada no sítio Barranco das Figueiras 2 (Santa Clara do Louredo, Beja) – Rosa, 2015 - foi identificada uma concentração de estruturas negativas de morfologias e funções distintas, inseridas em cronologias dentro da pré-história recente. Este conjunto integrava uma estrutura funerária (Figura 2), imbuída de algumas particularidades. Tratava-se de um hipogeu que se caracterizava pela planta semi-circular, de paredes convexas e fundo plano. Por ora, esta estrutura encontrava-se vazia de quaisquer vestígios arqueológicos. Esta situação não é exemplo isolado, sendo conhecidos outros hipogeus com as mesmas características, por exemplo, em Coelheira 2 (Valera, Ramos & Castanheira, 2015), em Torre Velha 3 (Alves et al., 2014) e no Monte das Cabeceiras 2 (Silva, 2016).



Figura 2. Hipogeu identificado no Barranco das Figueiras 2. Fonte: Ana Rosa

O hipogeu encontrava-se selado por uma estrutura de combustão – um plano ovalado assinalado por uma forte tonalidade alaranjada, composto por pequenos blocos pétreos imbricados (Figura 3). Apesar de a construção de uma lareira pressupor uma tarefa relacionada com a confecção de alimentos, a ausência de restos faunísticos e artefactos associados leva-nos a considerar que no local possa ter sido realizada uma cerimónia de carácter simbólico, assim como, foram consideradas as várias lareiras identificadas nas imediações do recinto funerário de Vinha do Casão (*Apud*, Porfírio & Serra, 2010, p. 53).



Figura 3. Estrutura de combustão que selava o hipogeu. Fonte: Ana Rosa

No Barranco das Figueiras 2 a ausência de ossos e cinzas na presença de uma estrutura de combustão pode tratar-se de “algo efectuado pontualmente para fazer frente

a uma situação específica” (*Apud*, Pereira, 2014, p. 5). Neste caso, poderá estar implícito um controlo visual e simbólico do território em estreita relação com o sítio de habitat.

Com efeito, imagem e espaço complementam-se, logo, os locais funerários não encerram a ocupação dos sítios, pelo contrário, mantêm-se em articulação com a estratégia de ocupação do território envolvente.

A capacidade de utilizar e controlar o fogo é incrivelmente transformador, permitindo ultrapassar o seu uso doméstico. O carácter do fogo é ambivalente, ilumina e aquece, por outro lado, queima e destrói. É, assim, dotado de um poder purificador e regenerador e a utilização do fogo em sepulcros pode também “ser vista como uma forma de clausura do monumento” (*Apud*, Pereira, 2014, p. 3).

A ritualização constitui-se como uma parte importante do sistema de relações sociais, fundamental para manter a organização e coesão entre os indivíduos. Estes aspectos comportamentais tornam os próprios lugares, objectos de significação e que adquirem uma nova função, a simbólica (Casal, 1994).

Em suma, a semiótica pode actuar como um todo, uma vez que “os tipos de comportamentos são simplificados e transformados em símbolo” (Eibl-Eibesfeld, 1998, p. 78). No fundo, os comportamentos são estruturas físicas, nas quais os signos podem ser compreendidos desde imagens a gestos ou objectos.

Nesta busca, incessante, pelo conhecimento sobre o *modus vivendi* das populações pretéritas, das necrópoles recuperamos os objectos e os esqueletos e tentamos desvendar o seu significado na sua manifesta expressão cultural. Tendemos a interpretar “as coisas” segundo os preceitos e normas que seguimos, tendemos a extrair significados do Passado a partir da nossa visão contemporânea, apesar de, não

podermos deixar de constatar que “os resultados nunca vão poder constituir mais do que conclusões profundamente incompletas e esparsas” (Evangelista, 2003, p. 20).

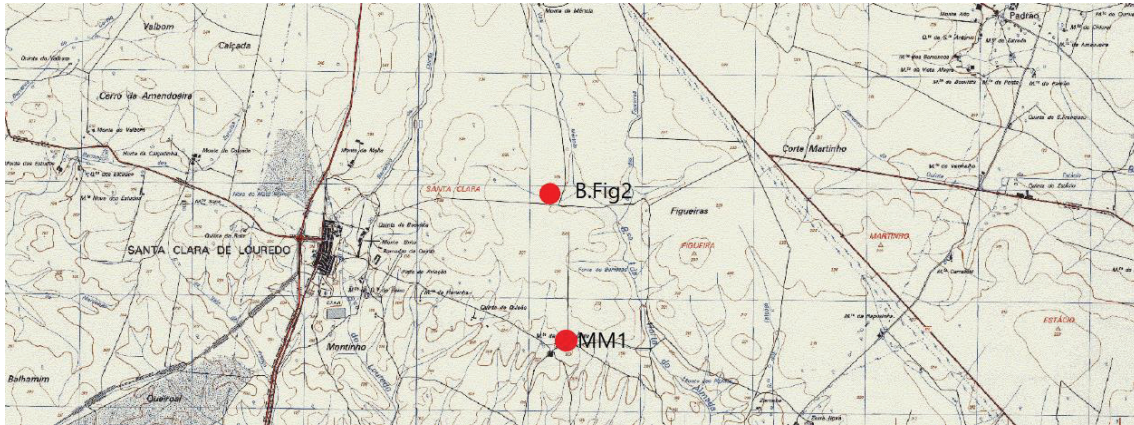


Figura 4. Localização dos sítios referenciados no texto na CMP, à escala 1/25000, folha 521 (modificado).

Referências

- Alarcão, J. (1997). A Arqueologia Contextualista. In MÁTHESIS. Viseu: Universidade Católica Portuguesa, nº 6, 1, 11-32.
- Alves, C. et al. (2004). Caracterização preliminar da ocupação pré-histórica da Torre Velha 3 (Barragem da Laje, Serpa). In *4º Colóquio de Arqueologia do Alqueva*. 2ª Série, vol.14, Évora: EDIA, 103-111.
- Augé, M. (1992). *Não-lugares, Introdução a uma Antropologia da sobremodernidade*. Lisboa: 90 Graus Editora.
- Casal, Y.A. (1994). A Arqueologia, Antropologia e Património. In *Ethnologia*. nº 1-2, Lisboa: Edições Cosmos, 11-22.
- Crespo, N. (2011). *Wittgenstein e a Estética*. Lisboa: Assírio e Alvim.
- Cruz, C.B.S da (2011). *Viver a morte em Portugal: o potencial informativo dos relatórios antropológicos de campo (1994-2007)*. Tese de Doutoramento. Coimbra: Universidade de Coimbra.

- Cunha, E. (2010). *Como nos tornámos humanos. Estado de Arte*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2ª ed.
- Diniz, M. (1995). A Arqueologia Pós-Processual ou o Passado Pós-Moderno. In *Ophiussa*. Lisboa: Edições Colibri, nº 0, 9-19.
- Diefenthaeler, I.B.F. (2017). *Das árvores às panelas no fogo: como nos tornámos humanos*. Tese de Graduação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.
- Doria, S. (s/d). *Semiotica Arqueológica desde uma perspectiva hermenéutica reflexiva*. Tese de Mestrado. Ciudad de Mexico.
- Eibl-Eibesfeld, I. (1998). *Amor e Ódio, História Natural dos padrões elementares do comportamento*. Lisboa: Bertrand Editora, 3ª ed.
- Evangelista, L.S. (2003). *O complexo arqueológico dos Perdigões e a construção da paisagem em Reguengos de Monsaraz*. Tese de Mestrado. Porto: Universidade do Porto.
- Fernandes, D. (2014). *Relatório antropológico do espólio osteológico exumado durante os trabalhos arqueológicos decorridos no Monte da Misericórdia I*. Beja.
- Fidalgo, A. & Gradim, A. (2004-05). *Manual de Semiótica*. UBI – PORTUGAL. Obtido na www.ubi.pt.
- Jordan, P. (2001). *O homem primitivo*. Lisboa: Temas&Debates, 1ª ed.
- Mataloto, R., Martins, J.M.M. & Soares, A.M.M. (2013). Cronologia absoluta para o Bronze do Sudoeste. Periodização, base de dados, tratamento estatístico. In *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, vol. 20, 303-338.
- Matoso, J. (Dir.) (1993). *História de Portugal – antes de Portugal*. Lisboa: Editorial Estampa. vol. I.

- Moreira, R.A., Carlan, C.U. & Funari, P.P (2015). *Iconografia e Semiótica, uma abordagem histórica*. São Paulo: Annablume, 1ª ed.
- Pereira, D. (2014). *Nas cinzas jazem engendros da morte, reflexos de vidas de outrora: as cremações pré-históricas dos Perdigões*. Tese de Mestrado. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Porfírio, E. & Serra, M. (2010). Rituais funerários e comensalidade no Bronze do Sudoeste da Península Ibérica: novos dados a partir de uma intervenção arqueológica no sítio da Torre Velha 3 (Serpa). In *Estudos do Quaternário*. Braga: APEQ, nº6, 49-66.
- Rocha, A.L.C. da & Eckert, C. (1998). A interioridade da experiência temporal do antropólogo como condição da produção etnográfica. In *Revista de Antropologia*. São Paulo, nº 41, 1-19.
- Santanella, L. (2005). *Matrizes da Linguagem do Pensamento: sonora, visual, verbal*. São Paulo: Iluminuras, 1ª ed.
- Santos, F. et al. (2008). O Casarão da Mesquita 3 (S. Manceos, Évora): um sítio de fossas “silo” do Bronze Pleno/Final na encosta do Albardão. In *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, vol.11, 55-86.
- Serra, M. (2014). Os senhores da planície. A ocupação da Idade do Bronze nos “Barros de Beja” (Baixo Alentejo, Portugal). In *Antrope*. Série monográfica Nº1, 270-297.
- Silva, C.M.L. da (2016). *O Povoado do Monte das Cabeceiras 2 - o estudo dos interfaces negativos e análise da componente artefactual das Fossas 13, 16 e 54*. Tese de Mestrado. Instituto Politécnico de Tomar – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

- Silva, P.P.S. & Silveira, M.R.A. (2015). O pensamento e a linguagem na fundamentação de conceitos, leis e princípios que regem a física moderna. In *INTERACÇÕES*. nº 39, 445-459. Obtido na <http://www.eses.pt/interaccoes>.
- Rosa, A. (2014). *Relatório Final de Escavação Arqueológica do Monte da Misericórdia 1 (Beja)*. Beja.
- Rosa, A. (2015). *Relatório Final de Escavação Arqueológica Barranco das Figueiras 2 (Beja)*. Beja.
- Valera, A., Ramos, R. & Castanheira, P. (2015). Os recintos de fossos de Coelheira 2 (Santa Vitória, Beja). In *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa: Era-Arqueologia/NIA, nº10, 33-45.

